

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS  
HUMANAS DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**BEATRIZ ARAÚJO DOMINGOS**

**Coletivos culturais e apropriação do espaço no distrito periférico  
de Perus**

**Cultural collectives and spatial appropriation in the peripheral  
district of Perus**

São Paulo, 2025

BEATRIZ ARAÚJO DOMINGOS

**Coletivos culturais e apropriação do espaço no distrito periférico de  
Perus**

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Profa Dra Rita de Cássia  
Ariza da Cruz

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho,  
por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo  
e pesquisa, desde que citada a fonte

Catalogação na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação Faculdade de  
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

D671c      Domingos, Beatriz Araújo  
                 Coletivos culturais e apropriação do espaço no  
                 distrito periférico de Perus / Beatriz Araújo  
                 Domingos; orientadora Rita de Cássia Ariza da Cruz -  
                 São Paulo, 2025.  
                 47 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual) - Faculdade  
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Geografia. 2. São Paulo. 3. Periferia. 4.  
Patrimônio Cultural. 5. Movimentos Sociais. I. Cruz,  
Rita de Cássia Ariza da, orient. II. Título.

DOMINGOS, Beatriz Araújo. Coletivos culturais e apropriação do espaço no distrito periférico de Perus. 2025. 40 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025

Aprovado em:

**Banca Examinadora**

Prof. Dr.

Instituição:

---

Julgamento

Assinatura:

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente à minha orientadora, Professora Rita, que com muito carinho e paciência me guiou nessa jornada do pensar, e que se materializou nesta escrita. Seu astral e descontração tornou todo o processo mais prazeroso do que eu pensava.

À minha mãe, Maria Helena, que sempre é uma fortaleza em minha vida, sendo muito carinhosa, atenciosa nas minhas confidências e frustrações. Uma fonte de superação “uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta”. Jamais esquecerei suas orações silenciosas ao pé da cama.

Ao meu pai, que durante os anos finais da graduação, vi superar seu maior desafio, sua luta com o alcoolismo, e que depois de tudo isso, vejo ele como desejei em toda minha vida: um homem cuidadoso, talentoso, um pilar para nossa família.

À minha rede de apoio, que com amigos maravilhosos pude descontrair, viver uma vida de mais discernimento quanto ao que é a complexidade de um olhar jovem, emergente no mundo. E ideias sobre empoderamento, acolhimento, afeto e muitos outros valores.

À Bianca e Julia que são amigas mais próximas espacialmente e também na minha rotina, que me escutam com paciência e minhas extravagâncias, que acompanharam de perto minhas ideias, me ajudando e incentivando neste presente trabalho e me defendendo de todo o mal.

Aos profissionais de saúde mental que puderam me ajudar a nortear a minha mente, especialmente Marlon e Alex.

Aos meus colegas de atuação do Programa Jovem Monitor Cultural, a qual pude me inspirar na arte como ativismo político e social. Nestes dois anos, foram pessoas que me tocaram, e que se recriaram em minha frente. Entender que a fragilidade social não faz menor a criatividade e a genialidade, onde muitas vezes a academia nem chegou.

Aos articuladores e articuladoras, artístico-culturais que me deram a luz de pensar sobre a importância desse projeto.

*“Onde falta arte, a violência  
se converte em  
espetáculo” Destas  
verdades profundas  
pichadas em um muro  
qualquer.*

## **RESUMO**

DOMINGOS, Beatriz Araújo. Coletivos culturais e apropriação do espaço no distrito periférico de Perus. 2025. 40 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

Este trabalho analisa o distrito de Perus, localizado na zona noroeste de São Paulo, a partir de sua memória social, lutas e práticas culturais. A pesquisa revisita processos históricos, como a implantação da Fábrica de Cimento Portland, a resistência dos Queixadas e a criação do Território de Interesse da Cultura e da Paisagem, observando como esses marcos permanecem presentes na configuração atual do território. A partir de trabalho de campo, diálogos com lideranças locais e análise documental, foram mapeadas iniciativas culturais que se consolidaram desde os anos 2000. Os resultados evidenciam que, mesmo diante da escassez de políticas públicas contínuas, os coletivos culturais de Perus atuam na apropriação do espaço urbano, produzindo resistência, fortalecendo identidades e promovendo educação cidadã. Ao valorizar experiências coletivas de criação e preservação da memória, este estudo contribui para o debate sobre a relação entre cultura, território e periferia, reconhecendo Perus como um espaço de resistência e produção cultural.

Palavras-chave: Perus; coletivos culturais; território; patrimônio cultural; resistência.

## ABSTRACT

DOMINGOS, Beatriz Araújo. Coletivos culturais e apropriação do espaço no distrito periférico de Perus. 2025. 40 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

This research explores the territory of Perus, located in the northwest zone of São Paulo, through an affective and engaged lens, revealing it as a space of memory, resistance, and cultural creation. The study revisits key historical moments — such as the establishment of the Portland Cement Factory in Perus, the resistance of the "Queixadas" workers, and the recognition of the Territory of Interest for Culture and Landscape — analyzing how these legacies remain alive today. Based on field observations, interviews with local leaders, and analysis of documents, the research maps cultural initiatives that have emerged since the 2000s. Far from a neutral approach, this study seeks to understand how cultural collectives reshape spaces, foster civic education, and build networks of resistance despite the lack of continuous public policy support. The result is an affective and critical cartography that reaffirms local identity and positions the academic text as a gesture of return to the territory that inspired it.

Keywords: Perus; cultural collectives; territory; cultural heritage; resistance.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

- Figura 1 – Flyer feita pela Universidade Livre e Colaborativa (p. 11)
- Figura 2 – Mapa do distrito de Perus – SP (p. 14)
- Figura 3 – Visão de parte da fábrica de Perus e ocupações urbanas ao fundo (p. 16)
- Figura 4 – Flyer feita pela Universidade Livre e Colaborativa (p. 18)
- Figura 5 – Mapa de áreas de risco e ocupações irregulares (p. 20)
- Figura 6 – Cleiton (Fofão) na entrada da Comunidade Cultural Quilombaque (p. 21)
- Figura 7 – Limite Proposto do Parque e Centro de Interpretação Luta dos Queixadas ( p. 23)
- Figura 8 – Flyer da peça de teatro do Grupo Pandora de Teatro sobre a Vala Comum de Perus (p. 24)
- Figura 9 – Mapa das trilhas do Museu Territorial Tekoa Jopo’i (p. 25)
- Figura 10 – Foto da inauguração da Agência Queixada em 2022 (p. 25)
- Figura 11 – Aula do percurso formativo “Tretas, tratos e tramas” na Agência Queixadas (p. 26)
- Figura 12 – Editorial da coleção União e Firmeza Permanente (p. 29)
- Figura 13 – Flyer Plano de Intervenção Artístico-Cultural (p. 30)
- Figura 14 – Print do Mapa com os pontos georreferenciados dos coletivos culturais da Zona Noroeste (p. 31)
- Figura 15 – Apresentação do PIAC na Biblioteca Brito Broca para o público (p. 32)
- Figura 16 – Ilustração do mapa da região noroeste (p. 33)
- Figura 17 – A “Rede Multicultural Sistêmica”, identificada e registrada por José Soró (p. 33)
- Figura 18 – Contribuição feita pelo público com post-its (p. 35)
- Figura 19 – QR Code Mapa - Google My Maps (p. 37)

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CIEJA – Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos

CONPRESP – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo

FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (USP)

FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PIAC – Plano de Intervenção Artístico-Cultural

SMC – Secretaria Municipal de Cultura (São Paulo)

TGI – Trabalho de Graduação Individual

TICP-JP – Território de Interesse da Cultura e da Paisagem - Jaraguá/Perus

USP – Universidade de São Paulo

VAI – Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais

## SUMÁRIO

Introdução	12
1. Contexto histórico e geográfico de Perus	15
1.1 A Fábrica de Cimento e a Greve de 1962	18
1.2 Patrimônios materiais e imateriais	20
2. Perus hoje: vulnerabilidade e potência cultural	23
2.1 Turismo de base comunitária, reapropriação do patrimônio e territórios criativos	29
3. Patrimonialização, memória e contranarrativa periférica	32
4. Plano de Intervenção Artístico Pedagógica (PIAC)	35
Considerações finais	42
Referências	44

## Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da disciplina “Trabalho de Graduação Individual em Geografia II (TGI II), ministrada pela docente Professora Doutora Rita de Cássia. Aqui pretendi desenvolver de forma introdutória o tema, sem deixar de mostrar as motivações sérias e profundas que me levam a pesquisar. Na reta final de minha graduação, pretendo destinar esse estudo para um possível mestrado, onde possivelmente será tratado com maior rigor e atenção que o tema merece.

Em 2018, logo no começo da graduação, tive a oportunidade de participar do Programa Unificado de Bolsas (PUB), com um projeto envolvendo o dispositivo governamental Território do Interesse da Cultura da Paisagem - Jaraguá/Perus (TICP-JP)<sup>1</sup> junto ao professor Euler Sandeville Junior, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e a Universidade Livre e Colaborativa. Antes de iniciar o projeto, eu tinha uma dimensão alienada da periferia de Perus, que antes eu via apenas como um bairro periférico, pobre e populoso, e que depois passou a ser, em minha percepção, muito rico em cultura e história.

O trabalho desenvolvido pelo professor Euler, naquele momento me acendeu, de início, várias indagações, pois, como moradora da região noroeste de São Paulo, não tinha dimensão da importância a qual ele clamava com seu trabalho desenvolvido há mais de uma década pelo Núcleo de Estudos da Paisagem da grupo de pesquisa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). Pude vivenciar por meio de diversos trabalhos de campo o que pretendia o projeto, uma inspiração bem clara de uma luta periférica de resistência em benefício da memória, da arte e da educação. Então tive contato com escolas, sindicatos, bibliotecas, postos de saúde, casas de moradores, diversas casas de culturas, a fábrica de cimento, a estrada de ferro de Perus-Pirapora, entre outros espaços. Tive a oportunidade de falar com lideranças que ainda promovem a luta, como o Fofão (Cleiton) da Comunidade Cultural Quilombaqué, Mário Carvalho de Jesus, advogado do Sindicato dos Trabalhadores “da Cimento Perus”, bem como muitos outros sujeitos que pretendo resgatar tanto em memória quanto com seus seríssimos e rigorosos estudos que até hoje brilham meus olhos. As imagens são de minha autoria.

---

<sup>1</sup> Instituído em 2014 no âmbito do Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo (Lei no 16.050, de 31 de julho de 2014), temos o Território de Interesse da Cultura e da Paisagem (TICP) como recorte para demonstrar o potencial de articulação do coletivo dentro da esfera estatal.

A história da luta sindical dos “Queixadas” despertou minha curiosidade e é o motor que gira uma grande engrenagem histórica da região. Infelizmente, naquele momento em 2018 eu não pude continuar o projeto porque estava por estar numa situação de cárcere e violência, porém hoje e adiante pretendo resgatar minha graduação e a arte de pesquisar sob novos caminhos e olhares. O mais importante desse contato foi a diversidade do universo dos sujeitos de luta, que envolvia desde mestres e doutores do assunto, até moradores, alunos de escolas do ensino básico, onde foi maior minha imersão, junto a alunos haitianos do CIEJA Perus, que faz parte do projeto Universidade Livre e Colaborativa da USP.

O ponto central deste trabalho é compreender o território pela perspectiva dos sujeitos periféricos<sup>2</sup>. Já existem diversos estudos em andamento no território de Perus, sejam eles concluídos e também em andamento. Esses sujeitos e sujeitas que estão imersos em um universo que envolve diversos movimentos, instituições, entidades, grupos, sindicatos, comunidade. Para mim é um grande desafio propor algum estudo ou intervenção que possa contribuir com essa luta.

Quais são as reverberações e desdobramentos dos coletivos culturais<sup>3</sup> de Perus em relação à patrimonialização da cultura? Quais as experiências surgidas desses coletivos?

Esse trabalho pretende mapear as experiências culturais associadas a coletivos culturais em Perus, a partir dos anos 2000, apresentando algumas delas e avaliando os resultados obtidos. A partir dessa abordagem, a pesquisa visa não apenas reconhecer o papel dos coletivos locais, mas também entender como esses grupos contribuem para a construção de um espaço de resistência cultural, inovação e afirmação de identidade no contexto urbano da capital paulista.

Abordarei também a partir da perspectiva do conceito de território, sendo “o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência” (SANTOS, 2007b, p. 13). Sendo os sujeitos

---

<sup>2</sup> Conforme observa D’Andrea (2022), “a definição do conceito de sujeitas e sujeitos periféricos é uma tentativa de objetivação sociológica de processos sociais ocorridos nas periferias urbanas paulistanas nas últimas décadas” (p. 237). Ele destaca ainda que “nas últimas décadas, o principal produtor e veiculador de uma narrativa ressemantizadora de periferia foi o movimento artístico e cultural...” (p. 238), um motor transformador que impulsionou a afirmação de pertencimento.

<sup>3</sup> Coletivos são os agrupamentos de artistas ou multidisciplinares que, sob um mesmo nome, atuam propositalmente de forma conjunta, criativa, autoconsciente e não hierárquica. O processo de criação pode ser inteira ou parcialmente compartilhado e buscam a realização e visibilidade de seus projetos e proposições

e suas vivências no espaço, a principal análise. A intenção é fragmentar o desejo de exprimir esse recorte da periferia de Perus. Sobre como a vida se desenrola diariamente, e dão resultados a criação de novos objetos, novas formas de interagir.

## 1. Contexto histórico e geográfico de Perus

Perus é um distrito do município de São Paulo, localizado há mais de 30 km do Marco Zero da cidade, na divisa com os municípios de Caieiras e Cajamar. Perus, como quase toda periferia, também pode ser considerado um “quintal” da Metrópole. De acordo com a Prefeitura da cidade de São Paulo, tornou-se um distrito deste município em 21 de setembro de 1934. Até então, o bairro pertencia ao subdistrito de Nossa Senhora do Ó. É atravessado pelas rodovias Bandeirantes e Anhanguera, vias estratégicas que reforçam sua posição de ligação entre a capital paulista e o interior do estado.

Reza a lenda que o nome do bairro está relacionado à dona Maria dos Perus, que servia refeições para os tropeiros que passavam pela região e criava perus. Então, as pessoas, quando queriam mencionar o local, diziam: “Vamos perto da casa da Maria dos Perus”.<sup>4</sup>

Outra explicação seria de que o nome vem da expressão tupi-guarani pi-ru, que significa pôr-se apertado, em referência ao perfil topográfico montanhoso de Perus.

Uma terceira explicação seria de que o nome está relacionado ao ouro encontrado nas redondezas do Pico do Jaraguá, na primeira metade do século XVII. Por isso, a região - ponto de abastecimento para exploradores e tropas do governo imperial - teria recebido o nome de Peru do Brasil ou Segundo Perus, em referência ao Peru, país de onde era extraído muito ouro.

Perus é um bairro da zona norte da cidade de São Paulo, na borda da região metropolitana. Junto com Jaraguá, faz parte das regiões periféricas da cidade, que possuem um grande acervo de bens patrimoniais, como a histórica Fábrica de Cimento (1923), a Ferrovia (1914), as Cavas de ouro (1600), os parques Anhanguera e Jaraguá, cinco aldeias indígenas Guaranis (1960), o simbólico Cemitério Dom Bosco (Vala Comum-1964/1984) e o assentamento do MST, além de espaços ressignificados pelos movimentos sociais (2016).

De acordo com Peria (2024), entre 15% e 29,9% da população local do distrito de Perus reside em favelas. Grande parte dessa população enfrenta

---

<sup>4</sup> <https://cmqueixadas.com.br/peruspedia/perus/> A Peruspédia é uma base de dados para apresentarmos informações a respeitos de pessoas, lugares e eventos do bairro de Perus, sempre vinculados à luta dos trabalhadores.

condições de vulnerabilidade social. Além disso, há uma escassez de espaços públicos dedicados à cultura, com apenas um equipamento cultural da prefeitura: uma biblioteca. Perus conta com uma população, segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2022, de 87.723 habitantes. Contrastando com o Censo de 1920, que apresenta a região de Nossa Senhora do Ó, Pirituba e Perus como tendo 5.534 habitantes.

Figura 1: Mapa do Distrito de Perus - SP



Fonte: Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (2011)

A Estação Perus, atual CPTM – linha 7 Rubi, foi inaugurada em 1867, junto com o trecho inicial da São Paulo Railway (SPR), que ligava Jundiaí a Santos. Construída por investidores ingleses, tinha o objetivo de escoar a produção do café do Oeste Paulista para o Porto de Santos.

A consolidação territorial de Perus esteve diretamente ligada à exploração de recursos naturais, em especial ao calcário, elemento fundamental para a produção de cal e cimento. Desde o final do século XIX, a região se destacou como principal produtora de cal no estado de São Paulo, pela exploração de jazidas de calcário da então chamada “série São Roque”, que é uma formação geológica que “estende-se pelo Estado de São Paulo, desde a região de Caieiras, Perus, Santana do Parnaíba, Araçariguama, São Roque, Sorocaba, estendendo rumo a oeste (CHAVES, Marcelo).

Sou levado a crer, portanto, que a região de Perus, Caieiras, Parnaíba e Pirapora produzia cal, talvez para todo o estado de São Paulo, já que produzia, efetivamente cerca de três vezes a quantidade relativa ao consumo de uma cidade do porte de São Paulo. (2012, p.29).

Em toda a região a nordeste de Perus, eucaliptos, pinheiros e outros cultivos são elementos que compõem o território em que se insere a fábrica de papel Melhoramentos que, desde a década de 1890, utiliza aquelas áreas para prover as suas reservas de matéria-prima e madeira para a silvicultura. Além da possível produção de hortaliças para o crescente mercado paulistano e também para o autoconsumo dos moradores da região e do pequeno comércio instalado em torno da estação de trem.

Em 1910, o governo do Estado de São Paulo concedeu licença à Companhia Industrial e de Estradas de Ferro Perus-Pirapora para a construção e uso de uma ferrovia que serviria de ligação entre as cidades de São Paulo e Pirapora. Concretizada em 1914, a CIEFPP foi pioneira no transporte industrial de cargas no Brasil e, atualmente, é reconhecida como patrimônio histórico pelo Condephaat, desde 1987. O percurso se inicia na estação Perus da antiga São Paulo Railway, margeia o Rio Juqueri e termina em Gato Preto, atual município de Cajamar.

Trata-se de uma das raridades de ferrovia com bitola de 60 centímetros no país<sup>5</sup>. Por ter sido uma das últimas a tornar-se obsoleta no Brasil, a Ferrovia Perus-Pirapora beneficiou-se do desmonte de seus similares pelo Brasil afora, adquirindo, assim, equipamentos fabricados por diversas empresas em diferentes épocas, que expressavam uso de tecnologias variadas: um museu em potencial.

## 1.1 A Fábrica de Cimento e a Greve de 1962

A Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus foi criada no ano de 1926 e foi um grande marco econômico, político e social para a região de Perus. Se instala em Perus pela grande reserva de calcário. O cimento é um produto essencial no momento de crescimento vertiginoso da cidade de São Paulo.

A instalação da fábrica, uma das primeiras fábricas de cimento Portland do país, ampliou o papel econômico do distrito. É notável que durante esse período entre 1920 e 1950, no qual a população da cidade saltou de pouco menos de 600.000 para 5.200.000 habitantes, a fábrica de cimento chegou a atingir os incríveis 59% de produção de cimento do mercado nacional, fornecendo cimento para grandes obras como o viaduto do chá, a biblioteca Mário de Andrade e para a construção de Brasília.

Ou seja, a região de Perus encontrava-se, naquela época, já está bastante integrada com toda a dinâmica de expansão da cidade de São Paulo. Uma integração que pode passar imperceptível, mas que se encontra amalgamada nas construções que brotam fartamente durante a expansão fabril da capital paulista nas primeiras décadas do século XX. Pode-se dizer que o bairro de Perus forma-se subordinado à dinâmica produzida pelo capital.

Inicialmente movida por capital canadense, a indústria foi responsável por integrar Perus ao processo de urbanização acelerada da capital paulista. No entanto, a dependência desse complexo industrial também moldou relações de trabalho marcadas pela exploração, poluição e conflitos trabalhistas, elementos que viriam a se tornar centrais na identidade política e cultural do bairro. Em 1951, o político e empresário J.J. Abdalla assumiu o controle acionário da companhia, antes pertencente a um grupo canadense, integrando-a ao seu extenso patrimônio. Contudo, em sua gestão, as más

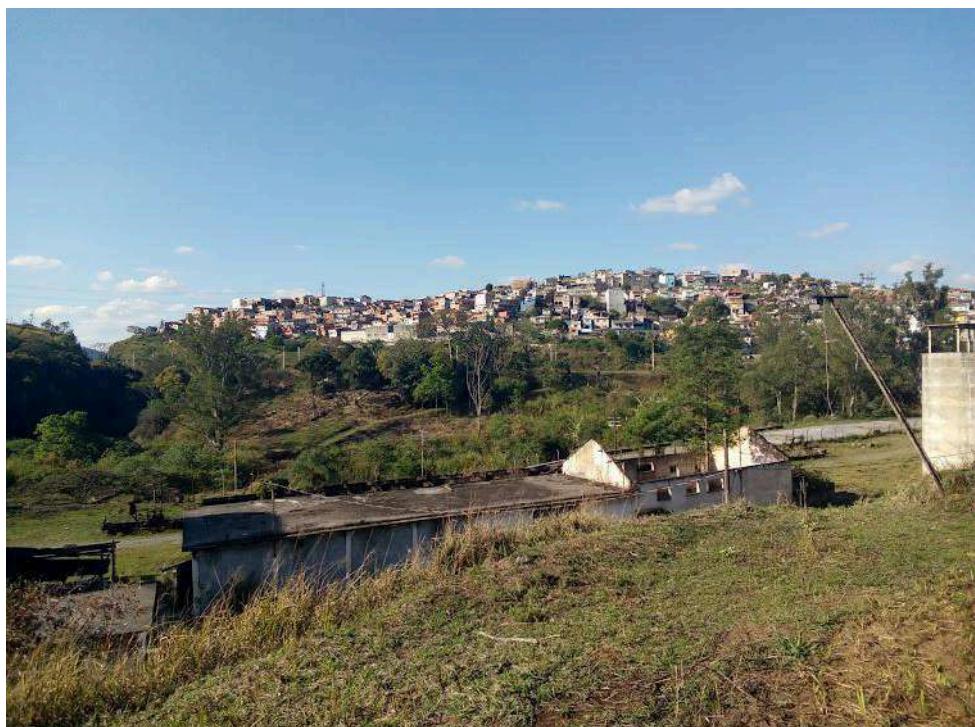
---

<sup>5</sup> Acervo da Estrada de Ferro Perus–Pirapora  
<http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/acervo-da-estrada-de-ferro-perus-pirapora/>

condições de trabalho acarretaram em uma série de mobilizações organizadas a partir do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Cimento, Cal e Gesso de SP.

Em 14 de maio de 1962 foi deflagrada uma greve, motivada principalmente por atrasos de salários. A empresa costumava atrasar os pagamentos todos os meses e não colocava filtros para evitar a enorme poluição causada pela fábrica. Essa resistência constituiu a primeira grande greve do movimento sindical brasileiro, com duração de sete anos, e envolveu 3,5 mil operários.

Figura 2: Visão de parte da fábrica e Perus e ocupações urbanas ao fundo



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

O movimento foi longo e acabou rachado pois a justiça deu ganho de causa para os trabalhadores estáveis, aqueles com mais de dez anos de empresa, que receberam indenização e foram reintegrados. Os não estáveis, não receberam nada e tampouco voltaram ao trabalho. Pode-se dizer, inclusive, que terminada a greve a luta continuou nas reivindicações de caráter ecológico, em defesa ao meio ambiente (contra a poluição atmosférica promovida pela fábrica ao lançar o pó de cimento diretamente na atmosfera).

A luta dos Queixadas, nome este dado a um tipo de porco do mato que fica forte quando está em bando, como se autodenominavam os operários da Fábrica de Cimento

Portland Perus, configurou uma atuação sindical que operava sob os princípios da “não violência ativa”, que permitiu entre elas a participação das mulheres ao lado de seus maridos, conquistas trabalhistas, lutas ambientais etc.

A união e a firmeza permanente, lema do movimento, seria a forma mais eficaz e eficiente de lutar contra as forças opressoras da sociedade e a exploração do capital. O legado dessa luta resiste ao longo de décadas, por meio de um diálogo entre gerações. As histórias e memórias dos operários, ou seja, suas lutas por justiça e dignidade, além do valor arquitetônico e industrial da Fábrica, motivou o desejo pelo seu tombamento, sua preservação e por sua transformação em Centro de Cultura e Memória do Trabalhador. Além disso, essa luta transpôs os muros da Fábrica, envolvendo a comunidade local e os coletivos culturais com seu “arteivismo” que se relaciona de forma solidária para um território desprovido de políticas públicas culturais efetivas.

## **1.2 Patrimônios materiais e imateriais**

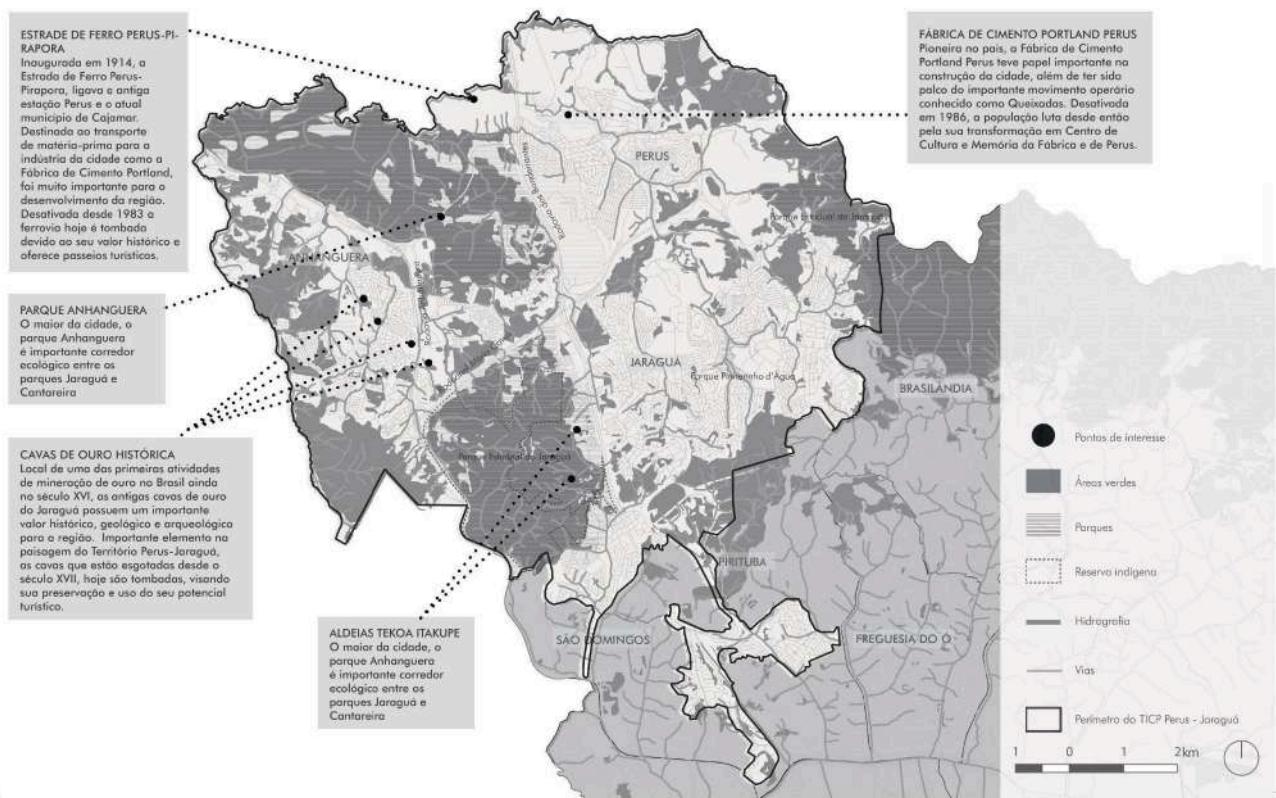
A partir dos anos 2000, tem sido muito notável os movimentos se juntarem para fortalecer a luta pelo uso público da Fábrica de Cimento, nascendo o Movimento pelo Reapropriação da Fábrica de Cimento de Perus, que pede a instalação do Centro de Lazer, Cultura e Memória do Trabalhador, seguindo aspiração antiga do Movimento dos Queixadas. Instalação de uma Universidade Livre e Colaborativa. Instalação de núcleos de pesquisa e outras instituições públicas voltadas à construção e desenvolvimento do conhecimento da arte, cultura e meio ambiente.

Os patrimônios materiais e imateriais contam a história de uma cidade e sua população. Alguns desses patrimônios estão materializados e vêm sendo social e territorialmente produzidos nas bordas da metrópole paulista. Devido aos danos proporcionados por intervenções urbanas, especulações imobiliárias e o grande acervo patrimonial existentes nesta região, inicia-se a parceria entre a Comunidade Cultural Quilombaqué, o Movimento de reapropriação da fábrica de Cimento Perus e Núcleo de Estudo e da Paisagem FAU-USP na criação da TICP – Território de Interesse da Cultura e da Paisagem que tratou de apontar com linguagem técnica todas as particularidades e potencialidade deste território.

Um exemplo emblemático de bem tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Conpresp) é a Vala Comum do Cemitério Dom Bosco, em Perus, São Paulo. Inaugurado em 1971 durante a gestão do então prefeito Paulo Maluf, o cemitério foi projetado inicialmente para sepultar indigentes e pessoas não identificadas. No entanto, entre 1975 e 1976, foi utilizado para ocultar os corpos de vítimas da repressão política da ditadura militar, totalizando cerca de 1.049 ossadas exumadas em 1990<sup>6</sup>.

Figura 3: Flyer elaborado pela Universidade Livre e Colaborativa

## TERRITÓRIO DE INTERESSE DA CULTURA E DA PAISAGEM JARAGUÁ-PERUS



Fonte: Folder Biosphera21<sup>7</sup>

Entre os identificados estavam militantes como Denis Casemiro, Frederico Mayr e Flávio Molina. A descoberta das ossadas gerou grande repercussão e mobilizou a sociedade civil e autoridades públicas. Em 1993, a então prefeita Luiza

<sup>6</sup>Métodos e técnicas de ocultação de corpos na cidade de São Paulo disponível em: <https://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/partie-i-cap3.html>

<sup>7</sup>

<http://biosphera21.net.br/APOIO-SAOPAULO/TICP-JP/DIDATICO/2018-TICP-P-folderdisciplina.pdf>

Erundina (1989-1992) inaugurou um memorial no local, em reconhecimento às vítimas da ditadura e como símbolo de resistência à repressão. Além disso, a Comunidade Cultural Quilombaqué tem desenvolvido iniciativas para preservar a memória da resistência e promover a construção de um memorial que homenageia as vítimas e denuncie os crimes cometidos naquele período. Trabalhando com trilhas formativas, como a “Ditadura Nunca Mais”. Assim, esse coletivo cultural age de forma a sensibilizar a população de sua história e perseverar a memória.

Carolina Maria de Jesus escreveu que a favela é o quarto de despejo da sociedade (1960). A profecia da escritura, ainda antes do golpe militar, se reedita em todos os anos que se seguiram, sendo hoje na favela que a sociedade despeja os “restos” da ditadura militar em nosso país. Restos esses que se sedimentam em naturalizações violadoras contra o povo pobre, negro e indígena. Como produzir reparação psíquica frente a um Estado que mantém o projeto político de manutenção do genocídio desses povos?

Segundo José de Souza Martins, a história paulistana tem sido construída sob o predomínio de uma perspectiva centralizadora e elitista, que desconsidera a experiência periférica. Nas suas palavras:

Até aqui a história de São Paulo tem sido escrita do centro para a periferia: a perspectiva elitista do centro domina a concepção que se tem do que foi o subúrbio no passado. Mesmo quando se estuda a história da classe operária, que sempre viveu nos bairros e no subúrbio, prevalece essa orientação fora de contexto (1992, p.9).

Apesar, todavia, de toda perseguição e opressão, as periferias pobres de São Paulo e de outras grandes cidades do país sempre foram, também, berço de resistência e de luta. Tal como é o caso de Perus.

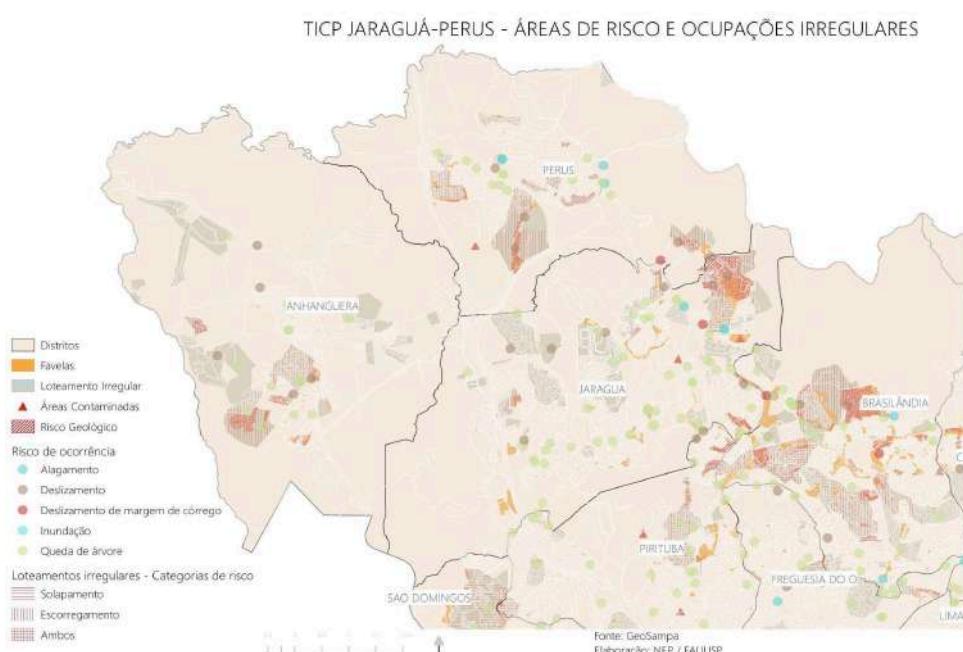
## 2. Perus hoje: vulnerabilidade e potência cultural

O território de Perus se destaca por sua intensa efervescência cultural, impulsionada por grupos e coletivos artísticos, culturais e políticos. Esses movimentos não apenas expressam a criatividade local, mas também constroem contra-narrativas sobre o patrimônio cultural, utilizando a arte como forma de denúncia e incentivo à educação cidadã. Dessa maneira, Perus se revela um território de resistência e luta.

Diversas ações foram geradas, referenciadas na luta da região, como a constituição e consolidação da Biblioteca Municipal Pe. José de Anchieta como o Centro de Memória dos Queixadas do bairro, que é dirigido por mulheres. Embora a participação feminina tenha sido essencial para o movimento, no qual os funcionários da Fábrica de Cimento Portland Perus estiveram 7 anos paralisados, configurando a maior greve operária do Brasil, as mulheres foram e continuam sendo invisibilizadas neste processo histórico.

Os exemplos de resultados são em sua maioria da experiência vivida em Perus, mas que confirmam a potência e a emergência dessas ações em outros territórios. São mudanças no uso e na gestão do território na busca de um novo tipo de cidadania, uma cidadania que se ofereça como respeito à cultura e como busca da liberdade.

Figura 4: Mapa de áreas de risco e ocupações irregulares



Fonte: Geosampa (Elaboração NEP/ FAUUSP)

A periferia, enquanto espaço de moradia e experiência de vida da classe trabalhadora, tem seu passado frequentemente silenciado nas políticas públicas, resultando em um mapeamento do patrimônio que continua sendo marcado por desigualdades. Não existia por exemplo um memorial da ditadura fora do centro, sendo o da Vala Comum de Perus a primeira a compor memória na periferia. E essa desigualdade reflete na educação, no acesso das pessoas ao direito de representatividade e à compreensão de que, historicamente, a ditadura foi destrutiva nas periferias também.

Na virada dos anos 1990 para 2000, surge com força uma multiplicidade de coletivos culturais espalhados pelas periferias de São Paulo. Eles se tornaram protagonistas de um modo distinto de fazer política, menos institucionalizado e mais enraizado no território. O que antes passava por sindicatos, partidos ou comunidades eclesiás de base, passa agora a se manifestar no rap, no samba, nos saraus, no teatro de rua e em tantas outras linguagens. Essa atuação territorializada não apenas denuncia a violência e a pobreza, mas também afirma a potência criativa e comunitária das quebradas. Ao reivindicar o direito de narrar sua própria história, os coletivos culturais transformam a periferia em espaço de produção simbólica e política, apontando caminhos de resistência e de futuro.

Esse movimento de disputa interna reflete-se nas gestões de Luiza Erundina e Marilena Chauí à frente da Secretaria Municipal de Cultura (SMC) de São Paulo. Durante suas administrações, foram implementadas práticas de investimento e planejamento cultural que tiveram um impacto significativo no cenário cultural da cidade.

A ausência de bens culturais que funcionam como suportes físicos, abre urgência aos coletivos culturais de encontrar brechas nas políticas públicas para persistirem em uma educação cidadã.

A Comunidade Cultural Quilombaqué é um grande pivô no desenvolvimento cultural periférico da zona Noroeste. A criação do Território de Interesse de Cultura e da Paisagem Tekoa Jopo’í e a Agência Queixadas de Desenvolvimento Eco Cultural Turístico são dois projetos articulados juntos à Quilombaqué, marcos importantes para se pensar na construção do direito ao lazer e à cultura por parte da população ao promover oficinas, rodas de conversas e trilhas educativas.

Figura 5: Cleiton (Fofão) na entrada da Comunidade Cultural Quilombaqué



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Além disso, em 2007, a Quilombaqué foi contemplada em uma das primeiras edições do Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) da SMC, que destinava verba a iniciativas de produção cultural de jovens de baixa renda. Um dos primeiros grupos do distrito a se beneficiar de leis de fomento e, hoje, já auxilia outros coletivos a elaborar propostas competitivas.

Nesse momento podemos marcar a presença de políticas públicas que passam a gerar democratização da cultura frente ao desenvolvimento contraditório e combinado das regiões. Ou seja, é um movimento político, étnico e cultural, que

promove um novo modelo de cidade. Permite aos moradores perspectivas empreendedoras e emancipatórias na realidade em que vivem. Articulando arte, cultura e conhecimento sendo ferramentas efetivas contra a violência e a miséria.

É muito latente nessa região a subjetividade do sujeito periférico, a qual faz sua existência e visibilidade através da arte e cultura. José Soró<sup>8</sup> entendia que contar a história e fazer “ferver o território” era um modo de manter a luta dos Queixadas viva, tornando Perus um Museu a céu aberto.

Essa particularidade da sua resistência cultural não se dá apenas pela sua característica periférica e pela segregação territorial em relação ao centro, mas também pela sua história, marcada pela resistência operária dos Queixadas, que é um importante símbolo da luta e da organização social da região contra regime autoritário e abusivo de trabalho na Fábrica de Cimento Portland Perus. E traz à luz a compreensão da reprodução de vida na periferia da capital paulista e a exploração do trabalho e o movimento desigual e combinado do capitalismo. A construção do Centro de Memória dos Queixadas, que tem base na Biblioteca Padre José de Anchieta, espaço dedicado ao resgate e à preservação da memória histórica e cultural de Perus, também é um marco para essa luta. Através de exposições e atividades educativas, o centro busca valorizar a história local e promover a identidade comunitária.

O Sindicato de Perus representa os interesses dos trabalhadores da região, atuando na defesa de direitos trabalhistas e sociais. Além de suas funções sindicais, o sindicato também apoia iniciativas culturais que promovem a integração e o bem-estar da comunidade. Sua sede foi construída na década de 1960 pelos próprios queixadas. Desde então, passou a assumir outros papéis, colaborando com movimentos populares do bairro. No ano de 1992, a sede foi tombada pelo CONPRESP - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo devido à sua importância histórica.

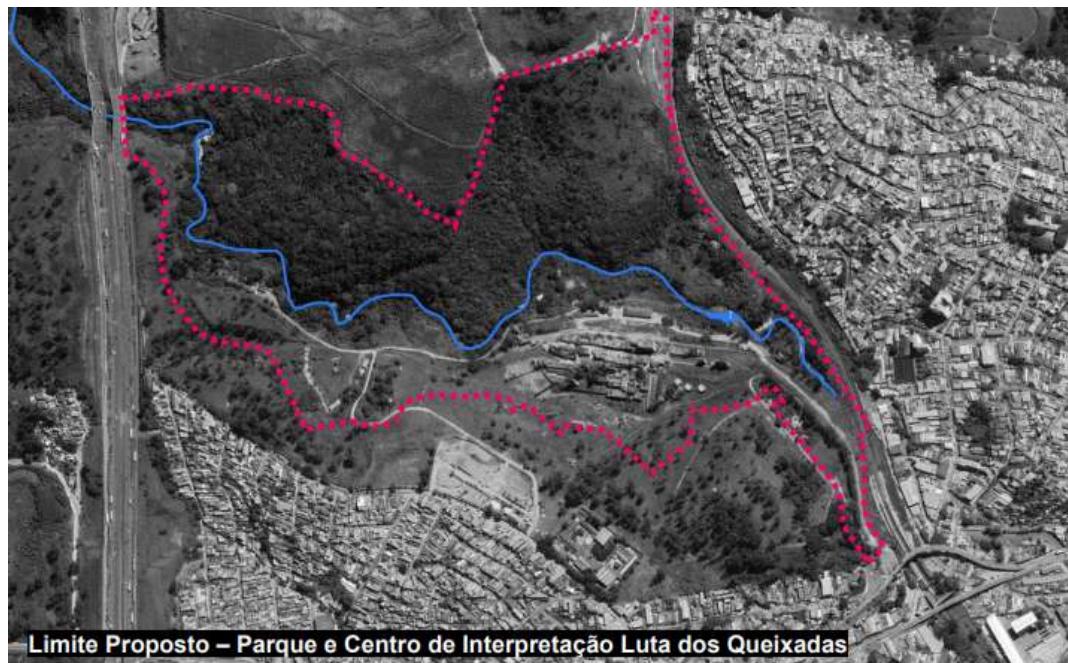
Em 2012, o Movimento pela Desapropriação e Transformação da Fábrica foi retomado, recebendo reforços de diversos coletivos artístico-culturais do território, bem como escolas públicas, estudantes e pesquisadores de universidades. O Movimento foi renomeado como Movimento pela Reapropriação da Fábrica de

---

<sup>8</sup> José Queiroz Soró (1964-2019) foi uma importante liderança e um agente social que atuou na produção do território de cultura da zona Noroeste da cidade de São Paulo. Para saber mais, consulte: <https://cmqueixadas.com.br/peruspedia/jose-queiroz-soro/#:~:text=O%20articulador%20cultural%20José%20Soró,a%20morte%20de%20seu%20pai>.

Cimento de Perus, defendendo a mesma proposta de instalação de um Centro de Lazer, Cultura e Memória do Trabalhador, nas áreas tombadas pelo CONPRESP.

Figura 6: Limite Proposto do Parque e Centro de Interpretação Luta dos Queixadas (2025)



Fonte: Estudos Iniciais para o projeto do Parque A Luta dos Queixadas (Movimento pela Reapropriação da Fábrica de Cimento de Perus - 2025)<sup>9</sup>

Em parceria com o Movimento pela Reapropriação da Fábrica de Cimento Portland Perus o Grupo Pandora, que desde 2004 vêm desenvolvendo trabalho contínuo de pesquisa e criação teatral no bairro de Perus, realizou três edições do “Ato Artístico Coletivo Cimento Perus” em 2012, 2014 e 2015, um evento artístico realizado em vários locais do bairro, que contou com a participação de diversos coletivos artísticos, em prol da revitalização da Fábrica de Cimento Portland Perus e fomento à cultura no bairro.

<sup>9</sup> Em 1992, o prédio da antiga fábrica foi tombado como patrimônio histórico da cidade de São Paulo, e hoje vem sendo discutido pelos coletivos e movimentos do bairro com objetivo de ressignificar o espaço e transformá-lo em um Centro de Lazer, Cultura e Memória do Trabalhador. E que hoje está em vias de implementação com a criação do parque “A Luta dos Queixadas”

Figura 7: Flyer da Peça de Teatro do Grupo Pandora de Teatro sobre a Vala Comum de Perus



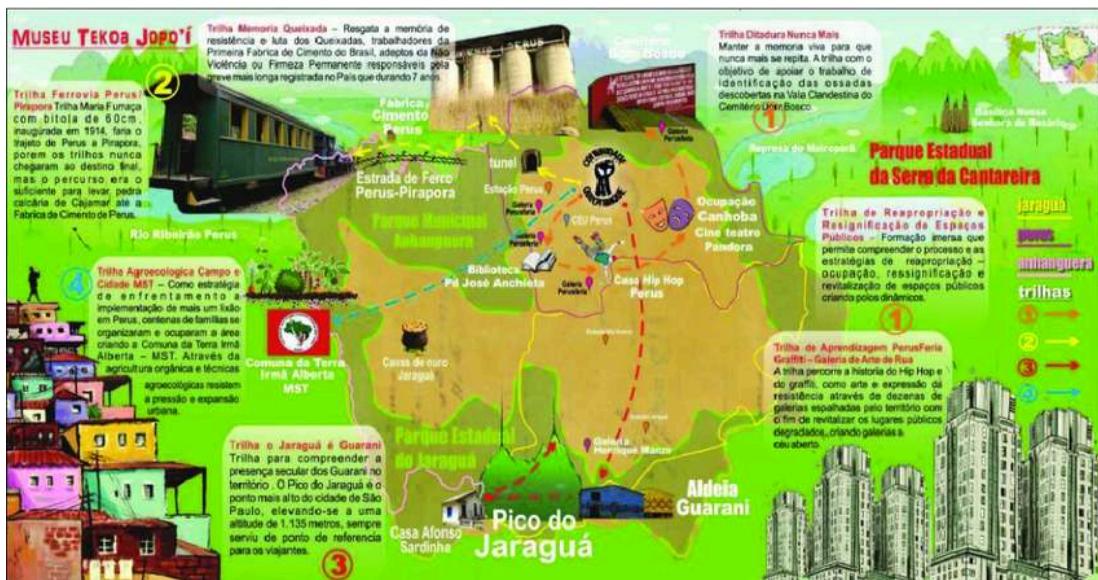
Fonte: Acervo do Grupo Pandora de Teatro. (2024)<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Criado em 2004, o Grupo Pandora de Teatro desenvolve pesquisas e criações teatrais com foco na memória e no território de Perus. O grupo busca refletir sobre o fazer teatral nas periferias de São Paulo, apresentando espetáculos que abordam temas sociais e culturais relevantes para a comunidade.

## 2.1 Turismo de base comunitária, reapropriação do patrimônio e territórios criativos

O Turismo de Resistência, proposto pela Agência Queixadas de Turismo, idealizado pela Comunidade Cultural Quilombaque, propõe trilhas formativas que perpassam zonas de interesse da cultura e da paisagem. As trilhas proposta são: Trilha Memória Queixadas, Trilha Ferrovia Perus-Pirapora, Trilha Ditadura Nunca Mais, Trilha Jaraguá é Guarani, Trilha Agroecológica Campo e Cidade - Movimento Sem Terra (MST), Trilha de Reapropriação e Ressignificação de Espaços Públicos e, por fim, a Trilha Perusferia Grafite Galeria de Arte de Rua.

Figura 8: Mapa das trilhas do Museu Territorial Tekoa Jopo'i



Fonte: Instituto Moreira Salles. (2020)

A Agência Queixada de Desenvolvimento Eco Cultural Turístico busca, através da multidimensionalidade, proporcionar saberes diversos, problematizando e disseminando os projetos produzidos pelo Museu.

Figura 9: Foto da inauguração da Agência Queixada em 2022.



Fonte: Desenrola e Não Me Enrola <sup>11</sup>

A proposta é evitar que o turismo crie alucinações culturais, apenas para atender a solicitações externas de consumo, de forma a compreender melhor a dinâmica dos residentes e a história do bairro.

A geossemiótica é um campo interdisciplinar que estuda a significação do espaço, explorando como a linguagem, a cultura e a sociedade se manifestam e são construídas através da paisagem. Ela considera o espaço não apenas como um cenário, mas como um texto a ser interpretado, onde os elementos naturais e construídos carregam significados sociais, culturais e históricos.

Em conversas com David Guarani, liderança indígena do Jaraguá, em reunião realizada durante o curso Tretas, Tratos e Tramas (inserir aqui mês e ano), oferecido na Agência Queixadas para formar agentes turísticos comunitários, aponta em suas observações que “a saúde vem com a terra e que não faz sentido a cultura sem a terra” [...] “e os animais e os insetos é pedagógico.” E ainda complementa:

---

<sup>11</sup> Inauguração da Agência Queixada em 2022. - Veja mais em <https://desenrolaenomenrola.com.br/contextos-perifericos/articuladores-promovem-turismo-de-resistencia-contra-especulacao-imobiliaria-na-zona-noroeste-de-sp/>

“Jaraguá é um dos eixos da territorialidade espiritual Guarani.” Explicita-se, pois a importância da trilha formativa, pois a natureza é pedagógica.

Figura 10: Aula do percurso formativo “Tretas, tratos e tramas” na Agência Queixadas



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

Jaraguá, cuja existência é da maior importância numa área metropolitana como São Paulo, além de cavas de extração de ouro que remontam ao início do século XVII, é um ponto de interesse fortíssimo e há muitas ONGs, instituições e coletivos culturais que atuam fortemente na região, o que demonstra o potencial comunitário.

### **3. Patrimonialização, memória e contranarrativa periférica**

Para compreender o papel do patrimônio em Perus, é necessário recorrer a uma fundamentação teórica e conceitual. Cultura, segundo Menezes (1996), é condição de produção e reprodução da sociedade, não havendo patrimônio que não seja cultural. Lucchiari (2005) destaca que a eleição do patrimônio é sempre um processo socialmente seletivo, o que evidencia disputas simbólicas e de poder.

De acordo com Departamento do Patrimônio Histórico (DPH):

[...] o patrimônio cultural reúne diferentes expressões e criações dos grupos formadores da sociedade. São edifícios, conjuntos urbanos, praças, monumentos, objetos, danças, festas, saberes, entre outras manifestações entendidas como representativas da identidade e da memória de uma determinada comunidade.

A cultura tem como principal marca a transformação. Todo patrimônio cultural nasce em meio a conflitos e contradições no processo de produção do espaço. De acordo com Cruz:

[...] se a cultura é uma condição de produção e reprodução da sociedade, o meio também o é. Não há sociedade a-espacial; portanto, também não há cultura a-espacial. O desafio que se impõe, todavia, é identificar e compreender a natureza dos elos de ligação entre cultura e meio, entre cultura e espaço, entre cultura e território, entre cultura e geografia. (CRUZ, 2012, p. 96).

A cultura é como um universo de sentidos: envolve produzir, circular, consumir e até descartar significados. Por isso, não se resume ao material ou ao imaterial, mas aparece no cotidiano, na prática de vida de cada comunidade.

Algumas ideias ajudam a pensar esse conceito. Primeiro, a cultura é sempre uma escolha, um espaço de opções. O direito à cultura é, no fundo, o direito à diferença, algo cada vez mais ameaçado pela padronização que o mercado e a globalização impõem. Segundo, por ser historicamente construída, a cultura carrega

valores que precisam ser explicitados e debatidos, já que envolvem escolhas políticas. Terceiro, o valor cultural não está nas coisas em si, mas na forma como os grupos sociais lhes atribuem significado. Patrimônio não se entende apenas pelo objeto em si, mas pelo circuito de sentidos e relações que o sustentam.

Por fim, as políticas culturais deveriam abarcar toda a experiência social, mas o que vemos é a cultura muitas vezes reduzida à mercadoria. Quando é desterritorializada, corre o risco de se tornar vazia, um “patrimônio da humanidade” que nem sempre faz sentido para a comunidade local que lhe deu origem.

De acordo com Cruz (2012), o que estamos chamando de patrimonialização do patrimônio vai se consolidando como prática no Brasil, com a criação da Inspetoria de Monumentos Nacionais (1933) pós-revolução de 1930, quando urgiu o reconhecimento de uma identidade nacional. E a partir da qual surge também o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN (1937), mais tarde transformado em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -IPHAN.

Essa trajetória até então evidencia a constituição de políticas públicas desiguais que valorizam determinados objetos do passado, enquanto omitiam outros propositalmente. Interesses econômicos sobrepujam os interesses culturais, no que diz respeito à proteção de objetos considerados representativos da cultura material e imaterial. E há uma tendência mundial de transformar o patrimônio em produto econômico.

E é interessante ressaltar que o caso de Perus caminha no sentido contrário, buscando subverter essa tendência, trazendo uma contranarrativa ao pensar e fazer patrimônio cultural. Onde há um centro histórico iluminado e periferias opacas.

A revalorização das paisagens constituídas por elementos históricos como o patrimônio arquitetônico, tem atribuído às paisagens urbanas contemporâneas um novo sentido no consumo cultural. (Luchiari, 2005, pp 95-105)

Nesse sentido, o direito à memória afigura-se como um direito fundamental de todo ser humano. Todavia, o mesmo esbarra em outro direito igualmente universal: o direito à mudança, à transformação, ao novo.

Figura 11: Editorial da coleção União e Firmeza Permanente



Fonte: Instagram @willdafro<sup>12</sup> (2025).

---

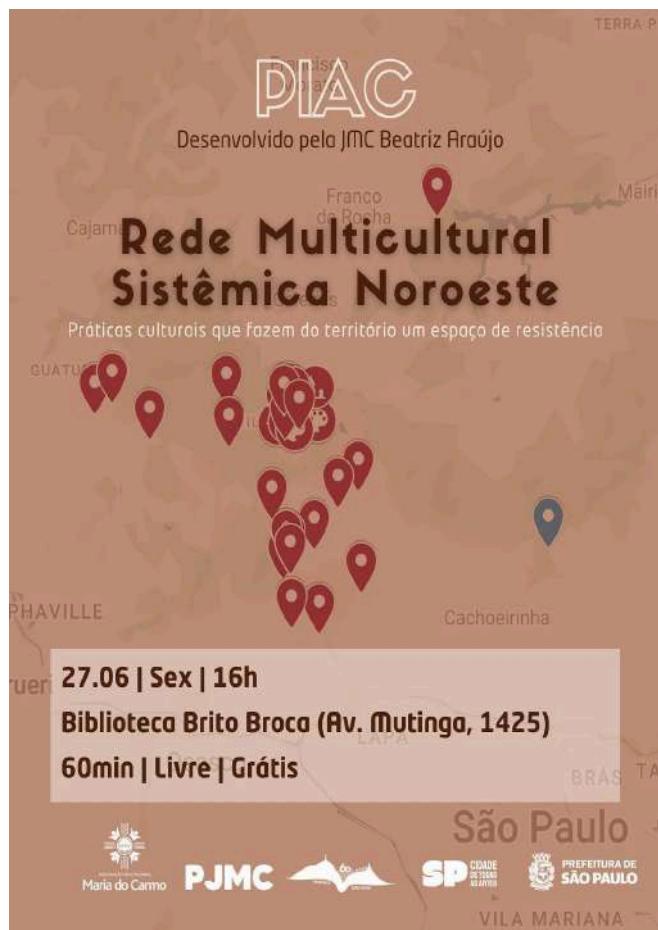
<sup>12</sup> O editorial da coleção União e Firmeza Permanente ganha vida dentro da Fábrica de Cimento Perus, território de luta e história, onde o passado e o presente se encontram na força da moda periférica. Estilista Will Da Afro @willdafro.

#### 4. Plano de Intervenção Artístico Pedagógica (PIAC)

O processo de entendimento e do recorte geográfico do tema, me fez criar um PIAC colaborativo, pelo qual eu pretendia alcançar o diálogo entre grupos e coletivos culturais e o público da Biblioteca Brito Broca, onde atuo no Programa Jovem Monitor Cultural. A proposta foi de um mapeamento desses grupos para alimentar um mapa que intitulei “Rede Multicultural Sistêmica” inspirado em um esquema feito por José Soró, liderança e articulador territorial em Perus. A ideia é pensar e analisar de forma contínua a concepção de apropriação dos patrimônios culturais da região.

Trouxe para a apresentação o que se considerava os conceitos centrais: cultura, patrimônio e território. Conceitos estes que são muito importantes servindo como uma forma de introdução, e estimular um pensamento e entendimento sobre o assunto.

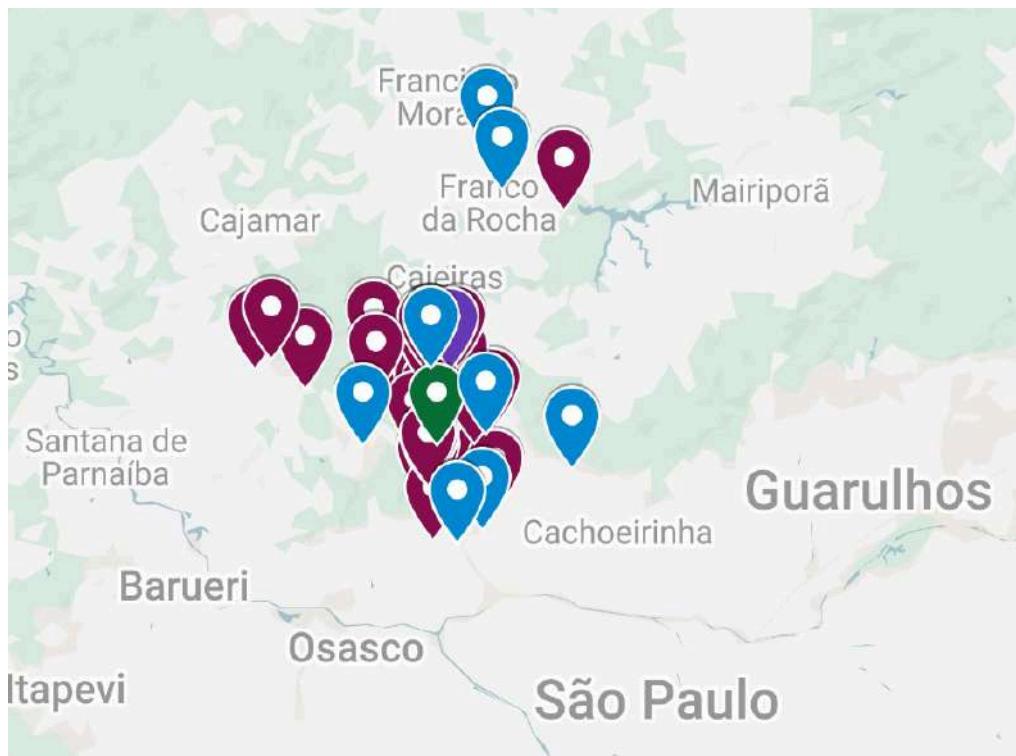
Figura 12: Flyer Plano de Intervenção Artístico Cultural



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

O PIAC (Plano de Intervenção Artístico-Cultural) é um planejamento coletivo, desenvolvido pelos jovens monitores/as culturais continuistas, para ações artístico-culturais no território de atuação. Ele envolve as etapas de construção de repertório, escrita, produção, implementação e documentação de ações culturais.

Figura 13: Print do Mapa com os pontos georreferenciados dos coletivos culturais da Zona Noroeste.



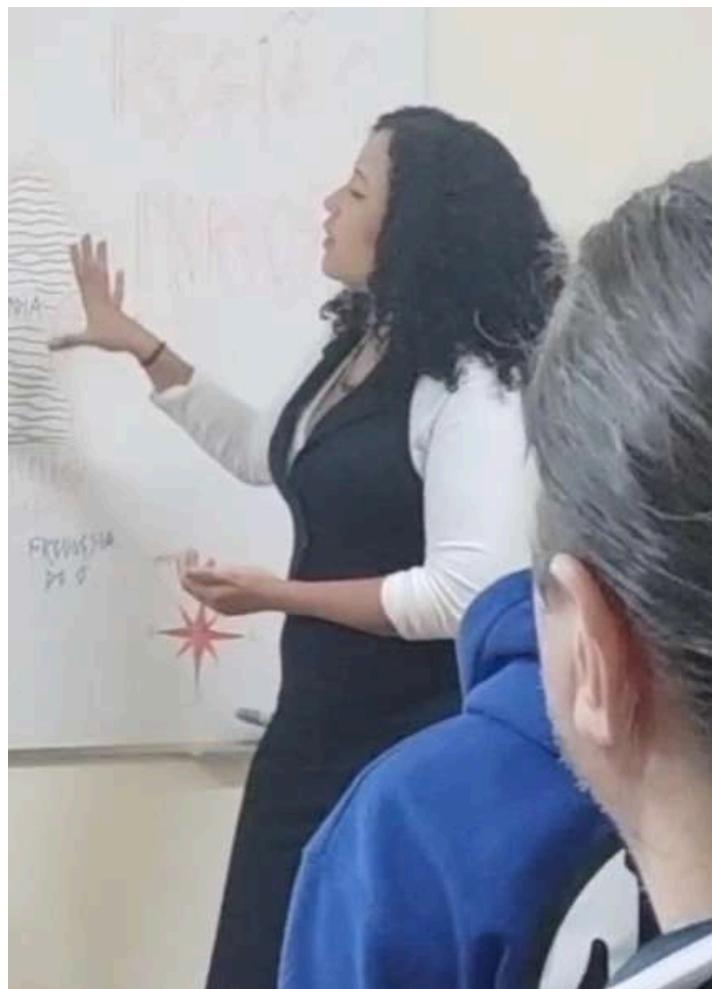
Google My Maps<sup>13</sup> [Rede Multicultural Sistêmica](#) (2025)

A [Rede Multicultural Sistêmica](#) surgiu no momento em que pensava em estudar e fazer um levantamento de quais coletivos seriam mapeados e analisadas as experiências. E durante esse processo surgiu o Google My Maps, pois havia também uma dificuldade em saber da totalidade de coletivos no território. Isso se deu pensando que utilizar plataformas de código aberto ou de acesso gratuito aos dados poderia promover resultados não hegemônicos, principalmente para lugares não mapeados em outras bases cartográficas. As ferramentas colaborativas de mapeamento livre são

<sup>13</sup> No My Maps é possível digitalizar os resultados de um mapa falado ou propor um mapeamento a partir da observação da base cartográfica disponibilizada pelo Google (ruas ou satélite). Uma opção é dividir a informação em várias camadas temáticas ou classificá-las por atributos (descrições) criadas pelo usuário. Também podem ser inseridas fotos e vídeos sobre os lugares mapeados.

alternativas para as bases cartográficas do Estado e a bases que pertencem a grandes empresas. Apesar do acesso depender da conexão à internet, é uma possibilidade de custo reduzido e de resultado material rápido, pois as contribuições feitas são incorporadas na base colaborativa assim que liberadas pelo mediador. Então desta forma digitalizei e coloquei uma breve descrição dos coletivos que eu já tinha ideia. Depois disso eu compartilhei com coletivos para que pudessem colaborar.

Figura 14: Apresentação do PIAC na Biblioteca Brito Broca para o público.



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

Esta é a problemática central que contextualiza o trabalho que se busca apresentar e debater aqui, fruto de uma experiência que procura subverter estes termos. Trata-se de um processo participativo de identificação e mapeamento do patrimônio cultural de bairros periféricos do município de São Paulo, um inventário elaborado pelos próprios moradores da periferia, com assessoria e envolvimento de pesquisadores

da universidade e de coletivos culturais. Sua área de abrangência diz respeito aos distritos da zona noroeste da cidade, entre eles, Perus, Jaraguá e Anhanguera. Esse levantamento mostra a riqueza e diversidade do patrimônio cultural da periferia, cujo fundamento explicativo se dá pela história das lutas e resistências da classe trabalhadora

Figura 15: Ilustração do mapa da região noroeste



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

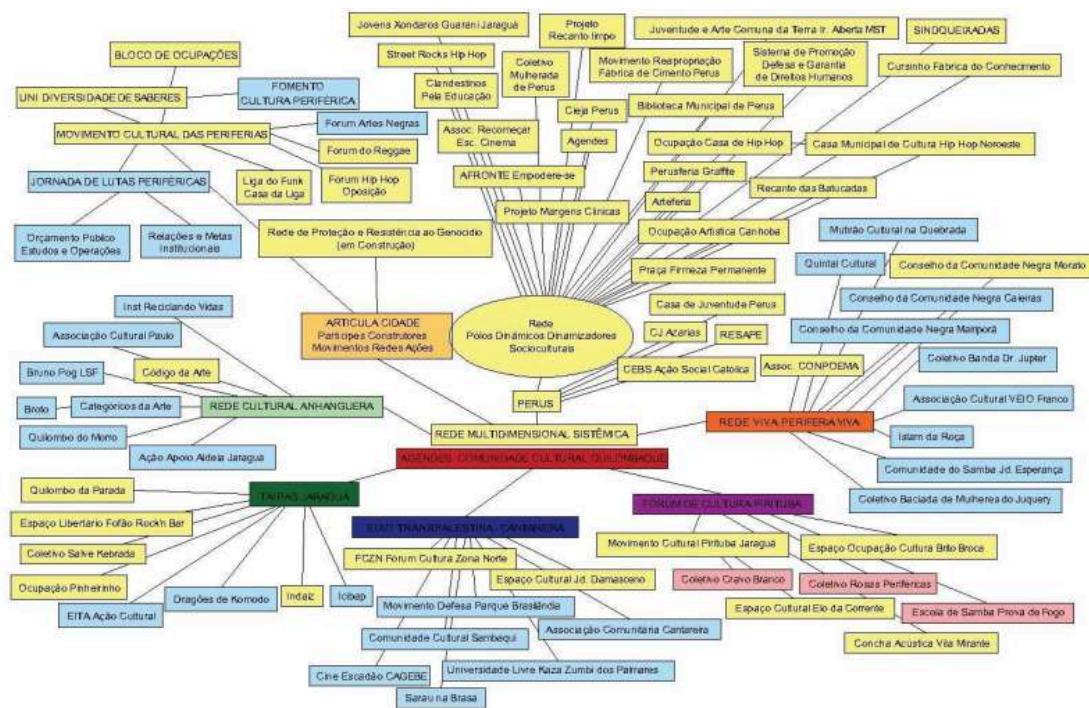
Para Soró, rede é raiz. É aquilo que cresce por baixo, silenciosamente, ligando corpos, quebradas, gestos e lutas. É sistêmica porque entende que tudo está interligado: o corpo, o chão, o tempo e o sonho. É multicultural porque acolhe a diversidade de expressões, de linguagens, de vivências — e sabe que cada uma carrega um pedaço do mundo que queremos construir.

O processo de luta pela Lei de Fomento indicava que o território é fragmentado. A cartografia é importante para as políticas que fingem que não enxergam.

E trazer as categorias do conhecimento é importante para retomar lente e sistema metodológico para pensar a periferia.

José Soró não era geógrafo mas considerava muito a geografia e que tinha um papel na leitura da cidade a partir do território, o conceito que mais usava. Pensar nas suas potencialidades e pensar nas suas latências, que é o maior desafio.

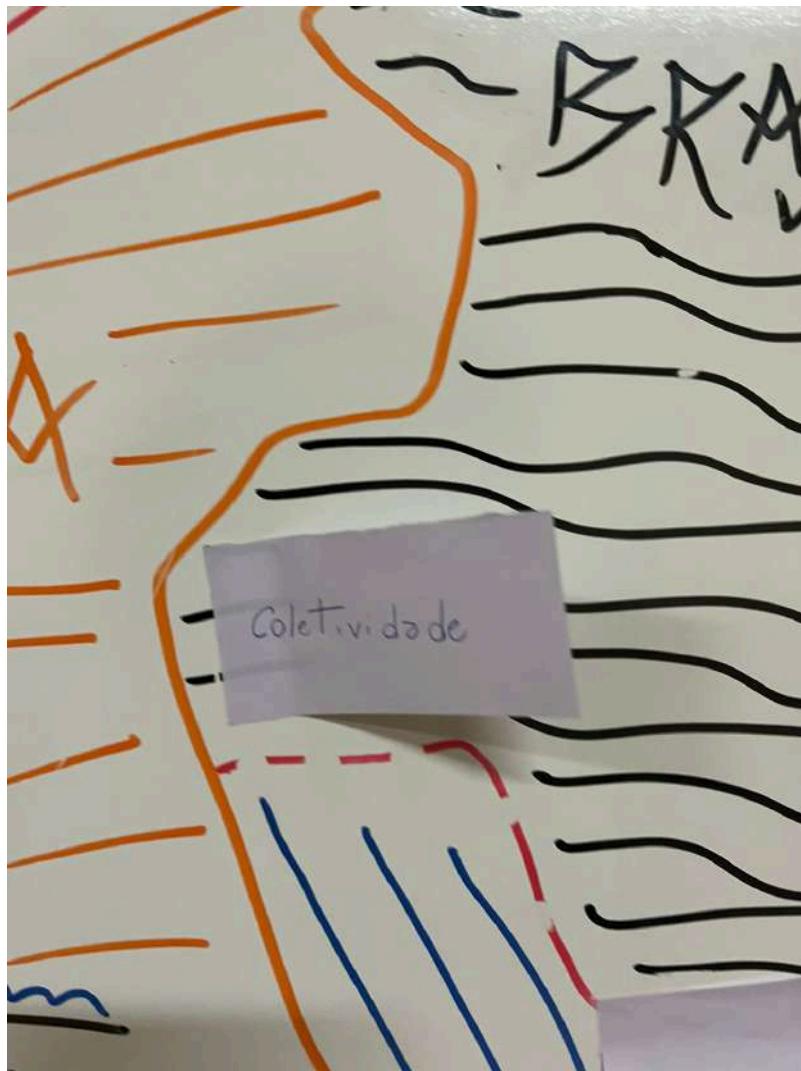
Figura 16: A “Rede Multicultural Sistêmica”, identificada e registrada por José Soró.



Fonte: José Soró, modificado pelo autor, 2019.

Foi interessante que ao final da apresentação, eu pedi para que o público presente colocasse post its e falassem o quanto o tema representava para eles. Depois pedi para que falassem o porquê daquela escolha. E foi muito importante, pois todos contribuíram de alguma forma e eu percebi o quanto lhes era afetiva e vivida a região noroeste.

Figura 17: Contribuição feita pelo público com post its



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

Apesar de eu trabalhar o tema da região noroeste no meu PIAC, era Perus o estudo de caso central. Escolhi expandir para que eu pudesse incluir mais possibilidades do público das bibliotecas. E não há como falar de Perus sem falar de Jaraguá e não há como falar de Jaraguá sem falar de Pirituba. O amálgama da região noroeste é parecido. A construção desses territórios perpassa as fazendas cafeeiras, as ferrovias, rodovias, indústrias e o processo de “periferização” que se deu.

É muito latente perceber que no momento em que o trem vai lotado ao centro de manhã e se for em direção ao extremo noroeste está vazio. Movimento pendular este que indica e expõe a desigualdade territorial. E onde esse pessoal consome arte? Qual a apreensão de cultura? Se a periferia não trabalha, o centro tem pão?

A ideia do mapeamento era de promover o relacionamento entre os envolvidos na pesquisa, de maneira orientada a resolver problemas da pesquisa. Tecer territorialidades é uma forma de entregar o conhecimento geográfico e vivido junto ao público. Experimentar diferentes tipos de perspectivas metodológicas, como a memória e a pesquisa-ação.

## Considerações finais

A presente pesquisa se propôs a refletir sobre experiências de apropriação do espaço por sujeitos coletivos atuantes na periferia da cidade de São Paulo, mais precisamente no distrito de Perus, localizado na Zona Noroeste da capital paulista.

Através da observação da atuação de coletivos culturais que fazem do território o ponto de partida de suas práticas e discursos, este trabalho buscou compreender como se constroem experiências de pertencimento, resistência e produção de novas formas de sociabilidade a partir da articulação entre cultura e território.

No caso de Perus, tais ações dialogam com um território marcado por fortes processos históricos e simbólicos, como a luta dos trabalhadores da antiga Fábrica de Cimento Portland Perus, a descoberta da Vala Comum de Perus entre outras camadas que perpassam o distrito.

Segundo Scifoni (2013), patrimônio é mais do que um mero dado de valor estético e artístico, mas aquilo que permite distintas narrativas, um diálogo existencial com o sujeito, dando diferentes significados e sentidos ao que os grupos atribuem como bens culturais. O patrimônio é assim um reconhecimento de uma manifestação da memória gerando possibilidades de que o sujeito construa sua identidade.

O presente trabalho partiu da hipótese de que os sujeitos coletivos produzem disputas simbólicas e práticas pelo espaço urbano por meio de ações culturais territorializadas. Tais ações podem ser compreendidas como formas de resistência e de criação de novas territorialidades, nas quais o fazer coletivo e a memória social se entrelaçam. Assim, esta pesquisa pretendeu analisar como essas experiências contribuem para a construção de identidades coletivas e de um sentimento de pertencimento que se opõe às lógicas de exclusão e apagamento frequentemente impostas às periferias urbanas.

Figura 19: QR Code Mapa - Google My Maps



## Referências

- ALLIS, T., Alcantara de Freitas, J., Tibério de Jesus, I., Santos Goes, K., & Andrade da Silva, L. (2022). CULTURA, TURISMO E DESENVOLVIMENTO SOCOTERRITORIAL: CRIATIVIDADE E INTELIGÊNCIA NAS BORDAS DA METRÓPOLE. *Brazilian Creative Industries Journal*, 2(2), 105–130. <https://doi.org/10.25112/bcij.v2i2.3100> (acesso 13/09/2024).
- CHAVES, Marcelo Antonio. *Perus dos Operários na construção de São Paulo, 1925-1945*. Jundiaí, Paco Editorial, 2012. p.45.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. “Patrimonialização do patrimônio”: ensaio sobre a relação entre turismo, “patrimônio cultural” e produção do espaço. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 95–104, ago. 2012. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2012.74255. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74255>. Acesso em: 05 abr. 2025.
- D’Andrea, Tiarajú (2013). *A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo* [Tese de Doutorado inédita]. Universidade de São Paulo.
- IBGE. *Censo Demográfico 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo/São Caetano do Sul: Hucitec/Prefeitura de São Caetano, 1992.
- MENESES, U. T. B. de. Os usos culturais da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia A. da. *Turismo, espaço, paisagem e cultura*. SP: Hucitec, 1996, pp. 88-99

SANDEVILLE JR., Euler; MANFRÉ, Eliane. *Cultura e Paisagem, uma nova perspectiva no tecido urbano*. São Paulo: Observatório das Metrópoles, 2014.

Santos, Milton (2007b). O dinheiro e o território. In. Milton Santos & Bertha Becker (Org.), *Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial* (pp. 13-21). Lamparina.

SÃO PAULO (SP). Departamento do Patrimônio Histórico. Série Guias de Orientação: volume 1. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 2024. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/guiasdeorientacaodph>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SCIFONI, S. Subverter o patrimônio cultural: periferia e participação social. *Terra Livre*, [S. l.], v. 2, n. 59, p. 592–620, 2023. DOI: 10.62516/terra\_livre.2022.2890. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2890>. Acesso em: 14 jan. 2025.

Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Bairro de Perus. Prefeitura da cidade de São Paulo, São Paulo, 10 nov. 2008. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas\\_bairro/bibliotecas\\_m\\_z/padrejosedeanchieta/index.php?p=5572](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/padrejosedeanchieta/index.php?p=5572). Acesso em: 31 mar. 2025.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO E LICENCIAMENTO. (2011). Mapa do de Perus - SP. Disponível em: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/licenciamento>. Acesso em: 26 mar. 2025.

SOUZA, V. de. Políticas culturais em São Paulo e o direito à cultura. *Políticas Culturais em Revista*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 52–64, 2012.

Subprefeitura Perus/Anhanguera. Perus. Histórico. Prefeitura da cidade de São Paulo, São Paulo, 31 mai. 2019. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/perus/historico/index.php?p=38218>. Acesso em: 31 mar. 2025.

VALVERDE, R. R. H. F. A Indústria Cultural como objeto de Pesquisa Geográfica. Revista

do Departamento de Geografia, [S. l.], v. 29, p. 391-418, 2015. DOI: 10.11606/rdg.v29i0.102082. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/102082>. Acesso em: 09 ago. 2025.

VIANNA Godinho Peria, P., & Ferreira Santos Farah, M. (2023). Por arenas mais híbridas: o trânsito da Comunidade Cultural Quilombaque entre o patrimônio e a produção cultural. *Políticas Culturais Em Revista*, 15(2), 15–36. <https://doi.org/10.9771/pcr.v15i2.49364> (acesso 16/09/2024).

